HEGEMONIA EUROPÉIA: PROCESSO HISTÓRICO E SOCIAL

Maurício Waldman[1]

No quadro das teses preocupadas com a análise do "progresso" há sem dúvida alguma as passíveis de serem classificadas como equivocadas. Destas, a tese racial é em razão da sua repercussão nas relações entre os diferentes grupos étnicos, das mais perigosas.

Para os defensores da teoria racial, o atraso econômico das populações do Terceiro Mundo estaria relacionado a uma inferioridade racial inata. Sem mais nem menos, no prisma destes teóricos "o desenvolvimento precoce e poderoso dos países de raça branca é atribuído às qualidades intrínsecas de uma população que seria congenitamente hábil, perseverante, enérgica, conquistadora, empreendedora" (LACOSTE, 1978:199).

Embora muito difundidas, interpretações de cunho racial não são respaldadas qualquer que seja o ângulo de abordagem. Recorde-se todas as grandes civilizações agrárias da antiguidade surgiram entre populações não-europeias, dentre as quais a indiana e a chinesa. Mesmo a civilização egípcia (definida como "branca" pelos acadêmicos europeus do século XIX), resultou de um dinamismo histórico e cultural no qual o elemento negro-africano teve influência determinante, efetivamente indissociável do seu surgimento.

> O Egito faraônico, em razão dos seus memoráveis feitos civilizatórios, foi durante muito tempo apropriado pela história europeia como uma "civilização branca". Hoje, estudos desenvolvidos por entidades como a UNESCO corrigem esta interpretação, retomando o Egito a partir do seu contexto geográfico original, que é a África (*apud* WALDMAN, 1977).

Na realidade, apesar da sua hegemonia política e econômica, a Europa foi durante a maior parte de sua história um rincão periférico, recebendo contribuições de povos que detiveram por vários séculos a dianteira do conhecimento científico.

Exemplificando, a tão decantada civilização grega não teria surgido sem uma forte contribuição asiática, que chegou ao Egeu através da Península da Anatólia e da ilha de Creta, esta última ostensivamente "asiática" em vários aspectos.

Mesmo o cristianismo - identificado como uma "religião europeia" - é na realidade oriental quanto à sua origem histórica. A religião cristã constituiu desdobramento do judaísmo, crença que como se sabe, surgiu e se desenvolveu a partir do antigo Oriente Médio. Portanto, fora do continente europeu.

A tese racial também é incorreta pelo fato de que vastas áreas do mundo subdesenvolvido serem consideradas brancas. Este é o caso de várias regiões da América Latina, sem contar nações atrasadas da própria Europa, caso de Portugal, sul da Itália (o *mezzogiorno*) e de boa parte dos países balcânicos (Iugoslávia, Bulgária, Grécia, Albânia). Em suma, o subdesenvolvimento resulta de uma conjunção de fatores históricos e econômicos para os quais os argumentos racistas não fazem qualquer sentido.

As considerações tecidas pela tese racial, descambando para o preconceito racial puro e simples, servem na realidade para poupar o imperialismo enquanto causa do atraso econômico, justificado a partir de critérios irreais e inverídicos.

Fundamentalmente, a causa real dos papéis desiguais desempenhados pelos diferentes países no cenário internacional repousa, antes de tudo, nas contradições inerentes à ordem econômica mundial, construída a partir das chamadas grandes descobertas. Este modelo repetidamente recorreu a estratégias ideológicas baseadas no racismo, que desde então se repetem, alterando sua forma, mas mantendo sua essência.

[1] **Titular da cadeira de Geografia do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.**

A tese racial serve ainda para consumo interno para países nos quais as desigualdades sociais se articulam com a discriminação racial.

Na América Latina, em flagrante contraste com uma minoria branca de origem europeia, importantes segmentos das suas populações (de origem negra, índia ou mestiça), são mantidos em posições socialmente subalternas, situação que tem se perpetuado desde o início da colonização.

Este é o caso de países como o Brasil (com significativa população descendente de africanos e de mestiços) e da Bolívia, Peru e da Guatemala (com grande massa de indígenas).

A interpretação racista da incapacidade dos povos do Terceiro Mundo é comum em peças culturais como histórias em quadrinhos. O personagem Fantasma, por exemplo, "protege" grupos tribais de "nativos", explicitando a noção de que os não-europeus são incapazes de se governar por si mesmos, reclamando a presença do homem branco para que a ordem passe a vigorar.

Concluindo, o entendimento do subdesenvolvimento a partir de critérios raciais não constitui arrazoado dotado de qualquer cientificidade. Antes configura uma ideologia de dominação adequada a oprimir e excluir amplos segmentos da sociedade de uma efetiva participação no usufruto das riquezas dos países nos quais vivem.

> A Bolívia é um país de economia tradicional do estanho a serviço do imperialismo. Sua característica principal: uma maioria indígena dominada e explorada por uma minoria branca. É um país racista, estruturado na opressão de raças, para fortalecer a de classes. O racismo na Bolívia está diretamente ligado aos interesses das classes dominantes, importante no processo de roubo das terras indígenas. Em 1930, apenas 4,5% dos índios tinham terra para cultivar em relação a 1825. Foram transformados de proprietários coletivos de comunidades agrárias em colonos e *pongos* (*apud* CHIAVENATO,1981:159).

INDUSTRIALIZAÇÃO, TECNOLOGIA E PROCESSO HISTÓRICO

Conhecemos a evolução do capitalismo através das suas fases: mercantilismo, capitalismo industrial e capitalismo monopolista. Nestes três momentos o modo de produção capitalista ganhou uma intensidade cada vez maior. Mas, o centro dinâmico do sistema permaneceu sediado na Europa.

No tocante ao tema ora em discussão, seria interessante compreender os motivos que permitiram a Europa se industrializar antes de qualquer outro continente, reafirmando-se assim no papel de polo econômico global.

O tema, como se sabe, é extremamente polêmico, pois se questiona na realidade as razões dos europeus terem iniciado a revolução industrial. Como muitos outros assuntos que colocam em cheque posições estereotipadas, a discussão questiona uma série de lugares-comuns. Indo direto ao ponto: seria decorrência da incapacidade tecnológica que os demais povos do planeta deixaram de encetar a revolução industrial?

Ou este fato resultaria de condições históricas específicas? Ou arrematando, seria uma consequência destas duas pré-condições juntas?

Na sequência, uma primeira observação diria respeito ao fato de que a hegemonia industrial europeia decerto não decorreu da falta de inventividade dos não-europeus, deste modo se privando de um equivalente ao formidável avanço das forças produtivas vivenciadas pela Europa a partir do século XVIII. Sinteticamente, o desenvolvimento de um poderoso aparato técnico passível de ser incorporado a uma autêntica revolução industrial, não foi em absoluto um privilégio europeu.

No que diz respeito à China, muitos exemplos podem ser encontrados nas obras dos orientalistas e sinólogos, cujas posições demarcam forte consenso quanto aos tremendos avanços da tecnologia desenvolvida pelos antigos chineses. Parece exato afirmar que a civilização sínica criou a tinta de escrever e o papel, a bússola e o compasso, a pólvora e o sismógrafo, o tipo móvel de imprensa (criado por Pi Sheng em 1041, aproximadamente 500 anos antes de Johannes Gutenberg), o papel moeda e a balestra medieval.

Poderíamos ainda enumerar dentre outras maravilhas tecnológicas desta notável civilização: a conversão do movimento circular em retilíneo, a biela e o pistão. Os chineses foram igualmente os primeiros a utilizar o carvão de pedra como combustível e o calor proveniente do gás. Ademais, produziam aço desde o século II DC, quando se sabe que a Europa, "só passou do estágio do ferro forjado para o ferro fundido na Idade Média e a indústria do aço europeia, somente muito tempo depois" (JOPPERT, 1978:87).

Quanto aos árabes, a sua técnica de metalurgia obteve um grande reconhecimento junto à Europa medieval, assim como suas notáveis máquinas hidráulicas, artesanato refinado, tratados de farmácia e medicina, de biologia e botânica, compêndios de química, trabalhos de irrigação e drenagem, obras arquitetônicas, artes náuticas, levantamentos cartográficos, tratados de história, de astronomia e enormes avanços na matemática e na álgebra.

Populações atualmente empobrecidas e marginalizadas souberam no passado mobilizar tremendos esforços intelectuais e energias para organizar o espaço geográfico, deixando marcas espantosas. Dentre estas podemos citar as Pirâmides de Gizé, o Palácio de Korsabad da antiga Assíria, os gigantescos templos-montanha de Angkor-Wat e os terraços agrícolas do Império Inca. Formidáveis realizações culturais e artísticas foram alcançadas, caso do preciso calendário maia, dos bronzes da civilização Benin e da ourivesaria chibcha.

Pintura Maia da cidade de Chichen Itza, atual México

Ora, é pouco credível que a Europa tenha atingido o desenvolvimento industrial a partir de uma suposta supremacia tecnológica.

Mais ainda em razão de que "o grau de evolução técnica da China, da Índia e de diversos países muçulmanos, dentre outros, era na Idade Média, superior ao que haviam atingido os europeus à véspera da revolução Industrial" (LACOSTE, 1978:203).

Por outro lado, como comprovam os exemplos citados, a existência de técnicas não justifica, por si mesma, o surgimento da revolução industrial. Fosse esta uma afirmação procedente, então o pendor industrialista teria primeiramente surgido na China ou nos países islâmicos.

Recorde-se que uma técnica pode perfeitamente existir e ser conhecida por um amplo círculo social e paradoxalmente, permanecer inaproveitada (Vide PRICE, 1976).

Este seria, aliás, o caso da máquina a vapor, ícone da própria revolução industrial. Do ponto de vista mecânico, seu princípio já havia sido formulado por Heron (ou Hero) de Alexandria, quase dois mil anos antes de ser colocada à disposição de uma finalidade prática pelo escocês James Watt.

A Máquina de Heron de Alexandria, o primeiro mecanismo criado com base na energia do vapor.

O mesmo poderia ser ponderado relativamente a muitas outras inovações que somente foram incorporadas ao mundo da produção no teatro europeu. Deste modo, restaria a indagação: Por que então os europeus foram os primeiros a realizar a revolução industrial?

A resposta a este aparente enigma parece residir nas características sociais, políticas e econômicas que vigoravam na Europa de então, possibilitando sua implementação antes de outros povos, ainda que estes dispusessem de conhecimentos mais avançados do que os europeus.

Retrato de Casamento, do pintor flamengo Jan van Eyck, explicitando a nascente e poderosa burguesia europeia.

Com efeito, constatamos no espaço europeu - *e unicamente neste* - a existência de fortes grupos de burgueses, “que se apoderaram das invenções e criaram condições para que estas inovações pudessem ter seu efeito e pudessem lhes fazer ganhar o máximo de dinheiro possível” (LACOSTE, 1978:210).

Desta forma, desenvolveu-se na Europa um sistema econômico dinamizado pela ideia da concorrência, imperando com o apoio de um aparato jurídico e de uma visão de mundo calcada nos objetivos traçados pela burguesia de um modo sem paralelo na comparação com qualquer outro continente.

Na Ásia, África, América e Oceania, os sistemas econômicos existentes acatavam, em maior ou menor grau, um acentuado grau de auto-suficiência, materializado em circuitos econômicos relativamente fechados cuja produção de bens estava muito mais voltada para a produção de valores-de-uso do que valores-de-troca.

Este foi seguramente o caso das civilizações chinesa, indiana, islâmica, dos impérios da África Negra e da América pré-colombiana, cujos modos de produção tinham por pressuposto diferentes

prioridades e expectativas, onde a autarquia imperava enquanto referência indiscutível para o dinamismo destas sociedades.

Portanto, foi em razão de metas civilizatórias singulares, modeladas pela economia de mercado e por uma concepção burguesa de mundo que permitiram a expansão do industrialismo na Europa. São estes pressupostos, e não os fundamentados em princípios biológico-raciais, que explicam o surgimento da revolução industrial no continente europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, Região e Desenvolvimento*, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 1977;

BALANDIER, Georges. *As Dinâmicas Sociais - Sentido e Poder*, DIFEL, São Paulo e Rio de Janeiro, SP e RJ, 1976;

BARTRA, Roger. *El Modo de Producción Asiático - Problemas de la história de Los países coloniales*, Coleção El hombre y su tiempo, Ediciones Era, Cuarta edición, Mexico, DF, 1978;

CHIAVENATO, Julio José. *Bolívia - Com a Pólvora na Boca*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

DOWBOR, Ladislau. *A Formação do Terceiro Mundo*, Coleção Tudo é História n º 35, Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1981;

GEBRAN, Philomena. *Conceito de Modo de Produção*, Philomena Gebran (coord.), Coleção Pensamento Critico, Vol. 24, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1978;

GEORGE, Pierre. *Geografia Econômica*, DIFEL, São Paulo, SP, 1980;

JONES, Emrys. *Geografia Humana*, Nueva Colección Labor, nº 16, Editorial Labor S.A., Barcelona, Espanha, 1966;

JOPPERT, Ricardo. *O Alicerce Cultural da China*, Editora Avenir: Rio de Janeiro, RJ, 1978;

KINDER, Hermann e HILGEMANN, Werner. *Atlas Histórico Mundial*, Colección Fundamentos, Ediciones Istmo, Madri, Espanha, 1975;

LACOSTE, Yves. *Geografia do Subdesenvolvimento*, DIFEL, São Paulo e Rio de Janeiro (SP/ RJ), 1978;

LACOSTE, Yves. *Unité & Diversité du Tiers Monde - Des Representations Planétaries aux Stratégies sur le Terrain*, François Maspero: Paris, França, 1981;

MANTRAN, Robert. *Expansão Muçulmana – Séculos VII-XI*, Coleção Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, n º 20, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, SP, 1977;

PAULME, Denise, 1977, *As Civilizações Africanas*, Coleção Saber, Publicações Europa-América, Lisboa, Portugal, 1977;

PRICE, Derek de Solla. *A Ciência desde a Babilônia*, Coleção O Homem e a Ciência, nº 2, Ed. Itatiaia/EDUSP, Belo Horizonte e São Paulo, 1976;

TRAGTEMBERG, Maurício. *Burocracia e Ideologia*, Coleção Ensaios, número 9, 1ª edição, Editora Ática, São Paulo, SP, 1977;

TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe Terra - Uma História Narrativa do Mundo*, 2ª Edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, RJ, 1979;

WALDMAN, Maurício. *Interpretação Materialista da História do Egito Faraônico*, mimeo, FFLCH/USP, 1977.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

WEI, Zhuang. *Cuatro Grandes Inventos en la Antiguedad China*, Ediciones en lenguas extranjeras, 1ª edição, Pequim, República Popular da China, 1980;

A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DEVE ACATAR A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:

WALDMAN, Maurício. *Hegemonia Europeia: Processo Histórico e Social*, in *Doze Estudos em Geografia Crítica: Geografia para o Ensino Técnico de 2º Grau,* Edição Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, SP, 1982. Registro na Biblioteca Nacional-Fundação Pró-Memória, título nº 28.659 (04/10/1983), Rio de Janeiro (RJ).

PUBLICAÇÕES RECENTES DE MAURÍCIO WALDMAN

LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS, CORTEZ EDITORA, 2010
Saiba mais: http://www.lojacortezeditora.com.br/lixo.html

MEMÓRIA D'ÁFRICA – TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007
Saiba mais: http://www.lojacortezeditora.com.br/memoria-africa.html

MEIO AMBIENTE & ANTROPOLOGIA, EDITORA SENAC, 2006
Saiba mais: http://books.google.com.br/books/p/senac?id=z4ns-luC4LwC&dq=Meio+ambiente+%26+antropologia&hl=pt-br&source=gbs_summary_s&cad=0

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br
Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman
Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: http://lattes.cnpq.br/3749636915642474